

ESTUDOS BIBLIOGRÁFICOS: ALGUMAS ABORDAGENS SOBRE OS DIVERSOS PAPÉIS JUVENIS NA ATUALIDADE¹

Moisés Carlos Ferreira²

RESUMO: Este artigo nos traz algumas reflexões sobre os diversos papéis atribuídos aos jovens na atualidade. Tais análises foram feitas a partir dos estudos dos pesquisadores hispano-colombianos: Jesús Martín-Barbero, José Manuel Valenzuela e Huberto Cubides, tais autores cunharam conceitos como Moratória Social e Jovem Oficial que serão brevemente explorados neste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude; Moratória social; Jovem oficial.

ABSTRACT: This article in them brings some reflections on the diverse attributed papers to the young in the present time. Such analysis had been made from the studies of the researchers Hispanic-Colombians: Jesus Martín-Barbero, Jose Manuel Valenzuela and Huberto Cubides, such authors elaborated concepts as Social Moratorium and Young Officer who briefly will be explored in this article.

KEY WORDS: Youth; Social moratorium; Young official.

Este artigo corresponde às abordagens sociológicas que tratam das novas pesquisas no campo da juventude, empreendidas nas últimas décadas do século XX, que compreendem os anos de 1980 e 1990. Tais pesquisas foram elaboradas por autores hispano-colombianos (CUBIDES et al., 1999) contribuintes da elaboração de novos conceitos acerca do tema juventude.

As pesquisas reunidas na coletânea organizada por Cubides et al. (1999) no campo da juventude abordam este tema indicando que a juventude não está restrita a uma fase biológica, mas sim, a um tempo social construído

¹ Estudos bibliográficos realizados em 2006 no âmbito da pesquisa para Dissertação de Mestrado: “Estágios para alunos de Ensino Médio: Análise da relação entre uma escola pública e uma ONG na cidade de São Paulo”, como parte da disciplina “Pesquisas com crianças e jovens na escola: os repertórios das décadas de 1980 e 1990”, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política e Sociedade, junto a PUC-SP.

² Professor de História e Mestre em Educação pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política e Sociedade da PUC-SP.

pelas condições socioculturais de cada país.

A leitura dos autores cujos trabalhos compõem a coletânea permite observar, também, que essas pesquisas tomaram como objeto de estudo não o jovem em si, mas a sua inserção no tempo e espaço, uma vez que esses estudos se detiveram em estudar as inúmeras expressões juvenis nos grandes centros urbanos da América Latina que, por sua vez, congregam uma infinidade de tempos sociais e são, ao mesmo tempo, efêmeros e multitudinários, bem como as novas formas de agregação destes jovens.

Uma das principais observações destes pesquisadores diz respeito à noção equivocada que as sociedades capitalistas ocidentais expressam sobre a juventude. De uma forma geral, tais sociedades consideram-na como uma fase “natural”, na qual todas as pessoas obrigatoriamente fariam uma “escala” – um período transitório entre a adolescência e a maturidade, criando uma idéia de juventude que “esquece” sua associação a uma “construção social”, conforme nos elucida a seguinte citação: “[...] Hay distintas maneras de ser jovem en el marco de la intensa heterogeneidad que se observa en el plano económico, social y cultural...” (MARGULIS; URRESTI, 1999, p.3).

Este estudo tem como objetivo retomar tais autores para desmistificar este conceito arquitetado pelas sociedades contemporâneas, uma vez que nem todos os jovens, necessariamente, passam por esta fase da mesma forma, já que sua vivência depende da classe social a qual pertence, do local onde se vive e também das questões de gênero.

Nessas sociedades ocidentais, a partir do desenvolvimento industrial e capitalista, gerou-se o fenômeno das grandes aglomerações urbanas, local onde se construiu um “modelo ideal de juventude”, tornando-o um paradigma a ser generalizado, em detrimento da idéia de juventude como construção social.

Com base nos conceitos de juventude expressos pelos autores aqui citados, foi possível constatar que existem inúmeras formas de ser jovem: de acordo com o país onde se vive, suas expressões culturais, suas diferentes classes sociais, seu gênero e sua etnia: “Hombres y mujeres experimentan su juventud según el sector social al que pertenecen y son miembros de una

generación, y como tales, son hijos de su tiempo.” (MARGULIS; URRESTI, 1999, p.13).

Tais autores, ao estudar o fenômeno da juventude, ressaltam que as questões de gênero devem ser analisadas conjuntamente às questões de classes sociais.

Desta forma, para as jovens de classes sociais mais abastadas, a realização pessoal não está circunscrita apenas pela maternidade, mas sim com a aquisição de outras realizações, como por exemplo, pelas conquistas profissionais, intelectuais e a conseqüente autonomia financeira.

No entanto para a maioria das jovens de classes populares, a maternidade ainda é tomada como sinônimo de realização e plenitude e até mesmo pode propiciar uma certa “respeitabilidade” para estas, reforçando portanto, as limitações que as questões de gênero, associada às condições sócio-econômicas podem representar, conforme nos esclarece a seguinte citação: “Podria afirmarse que entre las classes medias y altas, para ser madre hay que ser mujer mientras que en las clases populares, para ser mujer hay que ser madre.” (MARGULIS; URRESTI, 1999, p.13).

Conforme abordado nos parágrafos anteriores, a construção de um modelo ideal de juventude supõe que o mesmo deva servir de parâmetro para todas as classes sociais. Margulis e Urresti (1999) analisam esse fato dentro do conceito de “moratória social”.

“Moratória social”, segundo esses autores, compreende o tempo livre que os jovens das classes sociais mais abastadas possuem nessa etapa de suas vidas. “Moratória” porque estão desobrigados de “produzir seu próprio sustento”. Nesse tempo podem se dedicar aos estudos e aos grupos de amigos, realizar viagens, e profissionalizar-se e, com isso, postergar sua entrada no mundo adulto, sinônimo de responsabilidades profissionais, familiares e, conseqüentemente, participação no mundo produtivo, uma vez que esses jovens possuem as suas famílias que os assistem economicamente, subsidiando suas atividades, de acordo com citação de Margullis e Urresti (1999): “La juventud se presenta entonces, com frecuencia, como el período em que se posterga la asunción de responsabilidades económicas y familiares,

y seria una característica reservada para sectores sociales com mayores posibilidades econômicas”. (p.6).

Essa categoria de jovens, que vive sob a “moratória social”, desfruta desse tempo legitimado socialmente, bem como, podem também usufruir os bens de consumo oferecidos pelas sociedades contemporâneas.

Os autores em questão (MARGULLIS; URRESTI, 1999) apontam que há outros grupos de jovens, oriundos das classes populares, que também possuem tempo livre, não por escolha ou pela sua condição de jovem “desobrigado de produzir seu próprio sustento”, mas pelo desemprego. Portanto, esse tempo livre não pode ser associado à moratória social, pois ele não se reveste de legitimidade. Esses grupos juvenis transitam por essa fase com “culpa” ou impotência, não usufruindo os mesmos benefícios que os jovens que estão sob a moratória social legitimada usufruem.

Margullis e Urresti, também destacam o conceito de “Jovem Oficial”, que representa o modelo de juventude criado e disseminado pelo fetiche publicitário, como um mito ideal a ser seguido.

Esse modelo de jovem representa o “ideal de juventude”, situando-o em uma camada social que lhe possibilite estar dentro dos signos da modernidade, ou seja, o jovem se veste, e comporta-se e se instrui dentro dos padrões da sociedade de consumo.

No Brasil, já em publicação de 1984, o escritor Carlos Drummond de Andrade apresentava essa mesma idéia em um poema intitulado “Eu Etiqueta”, no qual descreve o jovem brasileiro como resultado de uma “construção publicitária”, como podemos observar em um fragmento desse poema:

[...] meu isso, meu aquilo, desde a cabeça até o bico dos sapatos, são mensagens, letras falantes, gritos visuais [...] e fazem de mim homem-anúncio itinerante, escravo da matéria anunciada, estou, estou na moda. É doce estar na moda, ainda que a moda seja negar minha identidade. (p.85-87).

Trata-se de um modelo que pressupõe um “estereótipo” daquele jovem criado pela publicidade. Nas palavras de Margulis e Urresti (1999): “Es usual notar la presencia reiterada de cierto modelo de joven, construido

según la retórica de la mercancía, fácilmente identificable con un patrón estético de clase dominante y ligado con los significantes del consumo.” (p.16 e 17).

São esses mesmos jovens que, oriundos das classes altas, muitas vezes estão se preparando para ocupar futuros postos de comando nas sociedades nas quais estão inseridos.

Esse “jovem oficial” pode ser considerado como protagonista dos emblemas da sociedade moderna, visto que segundo esse modelo “mitológico”, os jovens não possuem inseguranças e estão imbuídos de um comportamento que se assemelha a uma fortaleza.

Sendo assim, estes jovens mostram-se ávidos consumidores, provocando uma espécie de paradigma juvenil, cujo modelo criado pela publicidade instiga os jovens que pertencem às classes sociais menos favorecidas e de poucas posses a segui-lo.

Em razão disso, provoca nos jovens pobres um sentimento de exclusão e frustração, que pode vir a desencadear comportamentos associados à prática da violência, à medida que os jovens das camadas populares não conseguem acompanhar as imposições deste mercado.

Lembramos também os índices de desemprego e a precariedade do trabalho entre os jovens³, o que facilita a presença das redes de narcotráfico que atuam nas periferias das grandes cidades, pois estas cooptam um certo contingente juvenil para exercerem diversas funções, em troca de “oportunidades de ganho” que podem ser revertidas para estes jovens como um meio de exercerem seu papéis de consumidores.

Outro fenômeno também estudado por estes pesquisadores (MARGULLIS; URRESTI, 1999) refere-se ao crescimento da “tribalização dos jovens” nas grandes cidades.

Nesses conglomerados urbanos, os jovens procuram agregar-se e criar traços que o diferenciem da homogeneização resultante do avanço da cultura globalizada, já que esta dissemina um comportamento hegemônico, impedindo a construção de identidades singulares e tradicionais de cada

³ Para maiores esclarecimentos sobre este tema, verificar artigo de Guimarães(2005), intitulado Trabalho: uma categoria chave no imaginário juvenil?, in: ABRAMO, 2005.

região.

Este fenômeno, que pressupõe a agremiação de jovens com traços identitários comuns nas grandes cidades, pode também significar algumas formas de resistência contra o modelo imperativo e divulgado do jovem oficial.

Outra observação que se faz pertinente sobre o fenômeno da tribalização juvenil, diz respeito a heterogeneidade de expressões juvenis trazidas por estes grupos, o que nos leva a pensar em diversas formas de se vivenciar e construir esta fase, não apenas pautada em um único modelo, conforme nos elucida a seguinte citação:

La tribalización implica una especie de ruptura con el orden social monopolizado por la uniformidad, un proceso de fragmentación y creciente explosión de identidades pasajeras, de grupos fugitivos que complejizan y tornan heterogéneo el espacio social. (p.20).

Uma outra contribuição quanto às pesquisas em relação aos jovens nos últimos tempos, é dada por Martin-Barbero (1999) ao fazer referência às pesquisas no âmbito da antropologia urbana.

Para tal estudo, Martin-Barbero (1999) se utiliza dentre outros autores⁴, das pesquisas de Margareth Mead, como seu referencial teórico básico.

Essas pesquisas sobre antropologia urbana classificam o mundo atual como um “desordenamento cultural”, apontando as mudanças ocorridas com a juventude nas décadas de 1950-60, o surgimento de um novo tipo de cultura, decorrente das mudanças que acometeram as sociedades ocidentais naquele momento histórico.

Cumprе ressaltar que tais mudanças dizem respeito ao avanço da tecnologia, da medicina, da indústria cultural e do advento dos meios de comunicação de massa, que redimensionaram os valores das novas gerações, criando com isso novos padrões culturais para os jovens, não mais apenas

⁴ Um outro referencial teórico também utilizado por Martin-Barbero é Marc Auge, por intermédio de sua obra “Hacia una antropología de los mundos contemporáneos, Barcelona, 1996.

pautados nas tradições de seus antepassados.

São jovens que inovam suas concepções de mundo e pertencem à primeira geração a ter contato direto com o mundo das modernas tecnologias e seus desdobramentos.

As abordagens de Martin-Barbero (1999) esclarecem a perspectiva da nova visibilidade juvenil, ao apontar que a juventude enquanto sinônimo de um grupo social homogêneo e destemido frente aos desafios e conflitos geracionais, foi construída no transcorrer do século XX, principalmente com o advento do rock e das manifestações sociais nos Estados Unidos da América - EUA e Europa Ocidental, a partir da década de 1950.

Esse contexto histórico configurou um modelo de jovem a ser “exportado” para outros países, propagado e legitimado pelos meios de comunicação, sem esquecer que esse modelo seria muito útil à sociedade de mercado e à disseminação de inúmeros produtos que passariam a ser consumidos por esse recente grupo social, lembramos que este modelo de jovem encontra-se amparado e sistematizado dentro do “american way of life” o estilo americano de vida, cuja difusão deu-se com maior impulso a partir da segunda metade do século XX.

A pesquisa de Martin-Barbero (1999) revela que o século XX transformou o jovem em um “paradigma da modernidade”. Esse grupo tornou-se um referencial a ser seguido e reverenciado, bastando, para isso, observar como se disseminou nas sociedades ocidentais a “cultura do rejuvenescimento”. O ato de envelhecer praticamente passa a ser considerado como sinônimo de uma espécie de “heresia”.

Nesse sentido, notamos que o jovem passou a ser parâmetro para toda a sociedade. Se, por um lado o jovem retarda a sua entrada na maturidade, com a moratória social, por outro lado, os adultos (que possuem razoáveis condições financeiras), procuram manter-se na condição de jovens, por intermédio dos “planos quinquenais” de cirurgia plástica e outros recursos que os mantêm com aspecto de jovem: “Pero nunca como hoy la juventud há sido identificada com la permanente novedad que caracteriza a lo moderno.” (MARTIN, 1999, p.31).

Desse modo, é possível notar que nas sociedades atuais ainda permanece a propagação de um processo de rejuvenilização, por meio do qual os jovens não se espelham mais nos adultos, ao contrário, evitam a maturidade e os adultos, por sua vez, buscam a perpetuação da juventude.

Compreende-se também, que há inúmeras formas de “ser jovem” e não somente aquele modelo eleito pela indústria cultural. Tal afirmação justifica-se com a presença nos meios de comunicação de comportamentos juvenis de outros extratos sociais, como por exemplo, os “funkeiros”, os “rappers”, que representam uma cultura classificada como “marginal”, mas que aos poucos, vem se incorporando à sociedade.

Tais comportamentos criados pelos jovens, não estão necessariamente dentro do modelo hegemônico criado pela sociedade de mercado. Segundo Valenzuela (1999) em texto que compõe a mesma coletânea, abordando especificamente que: “Estos movimientos cuestionan las formas de organización dominante y sus formas de legitimación, incluyendo sus mecanismos de dominación cultural.” (VALENZUELA, p.43).

Considerações finais

Para finalizar este artigo, resgatamos as reflexões cunhadas pelos autores abordados neste texto; de que a fase juventude não é uma passagem natural de uma parcela da população que está prestes a ser admitida na vida adulta e, sim, uma construção social das sociedades ocidentais contemporâneas, podemos complementar este raciocínio com a contribuição da palavra “juventudes” no plural, contrapondo a sua vertente “juventude” no singular; pois esta categoria social exige um olhar mais atento das instituições que se propõem a estudá-la ou pesquisá-la, um olhar que se detenha a sua diversidade e complexidade e não apenas focalize um modelo deste grupo, como sendo o protótipo para os demais, conforme exposto em parágrafos anteriores deste escrito.

Assim, o que esse conjunto de autores procura evidenciar é que os jovens não se apresentam mais de forma homogênea. Sua condição, papel e ações no mundo atual se resumem a uma “figura desestabilizada e dinâmica”,

que nos traz as contradições existentes nas sociedades contemporâneas, principalmente a brasileira.

Ressaltamos também que o sistema educacional brasileiro tornou-se abrangente, no que se refere à ampliação de suas vagas, com as chamadas “escolas de massas”, que açambarcou um grande contingente de jovens, marcados por assimetrias, portanto, muito distante do modelo homogêneo, classificado, seletivo e filtrado que chegavam as instituições escolares em décadas anteriores.

Concluímos com a observação de que os jovens com suas idiossincrasias, juntamente com suas inúmeras maneiras de se identificar e sentir o mundo, trazem conseqüências para todos os setores da sociedade, em especial, para os sistemas educacionais e seus principais agentes: os professores, obrigando-os a uma revisão de papel e função no processo comunicativo em sala de aula.

Referências bibliográficas

GUIMARÃES, N. A. Trabalho: Uma Categoria-Chave no Imaginário Juvenil? In: ABRAMO, Helena W. et al. (org.). *Retratos da juventude*. Brasília: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: 2005 p. 37-71.

ANDRADE, C. D. de. *O Corpo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1984, p. 85-87.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La construcción social de la condición de juventud. In: CUBIDES C., Humberto, J. et al. (org.). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 1999, p. 3-21.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Jóvenes: des-ordem cultural y palimpsestos de identidad. In: CUBIDES C., Humberto et al. (org.). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 1999, p. 22-35.

VALENZUELA, José Manuel. Identidades Juveniles. In CUBIDES C., Humberto et al. (orgs). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 1999, p. 38-45.